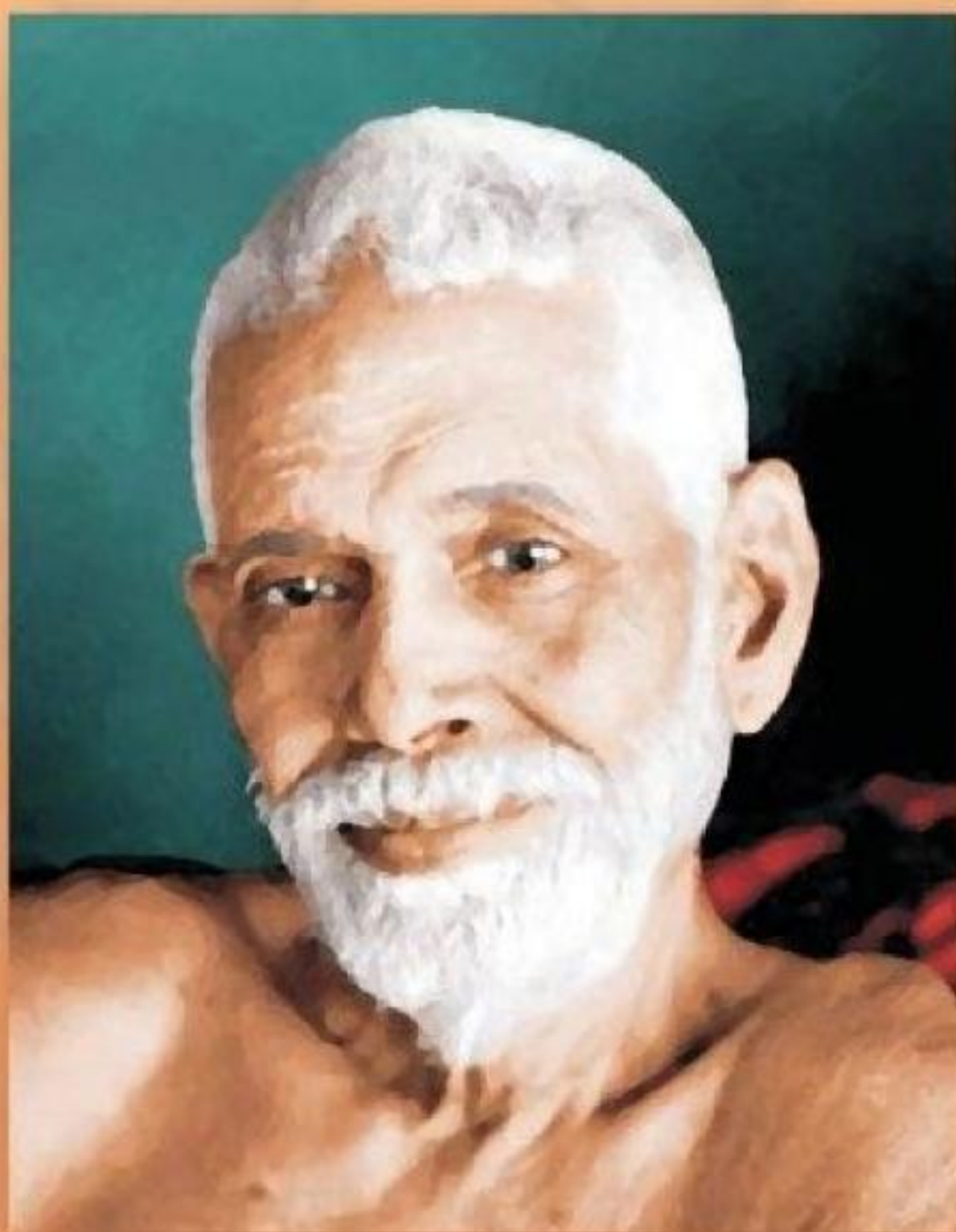


Pérolas de Sabedoria

*Vida e Ensinamentos
de Sri Ramana Maharshi*



*Inclui as obras:
Pérolas de Bhagavan
A Vida de Ramana Maharshi
Quem Sou Eu?*



M214

Maharshi, Sri Ramana. 1879 – 1950

Pérolas de sabedoria/ Sri Ramana Maharshi/
tradução Niraj

Edição Digital, Brasília, 2012

ISBN 978-85-7922-009-8

1. Filosofia Oriental.

II. Título

CDD 180

Nota do Tradutor

O objetivo do presente trabalho é apresentar uma tradução fiel e acessível de três obras originais de Ramana Maharshi: *Gems of Bhagavan* (Pérolas de Sabedoria), *Bhagavan Ramana* (A Vida de Sri Ramana Maharshi), e *Who am I?* (Quem sou eu?), tendo como paradigma o ponto de vista do leitor que pouco ou nada conhece a seu respeito. Tal orientação não nos impediu, entretanto, de buscar as fontes originais das quais foram tiradas as inúmeras citações que compõem a primeira parte deste livro – a partir das versões a que se teve acesso –, de submetê-las a um processo de comparação crítica no intuito de determinar a melhor forma de expressar os ensinamentos de Ramana Maharshi.

Cada palavra foi cuidadosamente escolhida, e não raro dicionários foram consultados mesmo para tradução de palavras e expressões já conhecidas. Os trechos entre parênteses referem-se aos termos em sânscrito ou tâmil utilizados, e em sua maior parte aparecem do mesmo modo que no original. Os demais termos estrangeiros foram tratados de maneira diversa sendo que, com o fito de manter o texto o mais claro e limpo possível – e também para evitar repetições desnecessárias – tais termos foram colocados entre parênteses, com a tradução em português aparecendo no corpo principal. Outros termos de maior importância, tais como *Brahman*, *māyā* e *jñāna*, frequentemente foram deixados na parte principal do texto.

Por outro lado, o que se encontra entre colchetes são comentários acrescentados pelos tradutores com a intenção de esclarecer o significado da passagem ou do ensinamento, quando uma tradução literal não bastava, ou quando a comparação com outras fontes indicou ser desejável tal medida.

O texto original não contém um glossário. Entretanto, atentando ao fato de que muitos termos que já são conhecidos pelos leitores de língua inglesa interessados no assunto e não o são pelo público geral brasileiro, teve-se como oportuna a inclusão de um glossário ao final do livro, onde as palavras de origem estrangeira estão brevemente explicadas. O glossário foi desenvolvido com base nos glossários presentes em outros livros de Ramana Maharshi (tais como: *The Collected Works of Ramana Maharshi*[1]; *Be As You Are*[2]; *Ensinamentos Espirituais*[3]; *Ramana Maharshi e o Caminho do Autoconhecimento*[4]; *Talks with Sri Ramana Maharshi*[5]) e também por meio de livre pesquisa dos tradutores em outras fontes relacionadas.

O nome completo pelo qual o mestre era conhecido é Bhagavan Sri Ramana Maharshi. No texto ele é em geral chamado Bhagavan, mas a fim de evitar a deselegância e o desgaste da repetição, também por vezes o chamamos Sri Ramana, Ramana Maharshi ou apenas Maharshi[6].

Outras palavras também frequentemente utilizadas no texto são Sat e Ānanda. Sat foi às vezes traduzida como “Existência”, outras vezes como “Ser”, tendo também o significado de “Verdade” e “Realidade”. Ānanda foi em geral traduzida como “Bem-Aventura”, tendo-se às vezes usado as palavras “Felicidade” e “Beatitude” a fim de evitar a repetição e de transmitir toda a amplitude do significado original. Todos esses termos devem ser entendidos como sinônimos.

Um dos pontos mais difíceis da tradução foi a palavra *Ātma* ou *Ātman*. Em outros livros já publicados no Brasil (sobre Yoga, filosofia oriental, e sobre Ramana Maharshi também), a palavra *Ātma* foi traduzida como “Eu Superior”, “Si”, “Si-Mesmo”, “Espírito” e “Verdadeiro Eu”. Em inglês o termo utilizado é sempre Self, para *Ātma*, e I ou self (com minúscula) para o ego (em sânscrito, ahamkāra). Em português é mais difícil manter essa distinção. Optamos por traduzir ahamkāra (ou self) por “ego” ou “eu” (letra minúscula); e *Ātma* (Self) por “Eu Real”, “Eu” ou “Ser”. Isso porque Sri Ramana era categórico ao afirmar que não existem dois “eus”, um superior e outro inferior, mas que existe apenas um Eu, e que o ego – que os seres não iluminados têm como seu “eu” – é irreal, sendo apenas um reflexo do verdadeiro Eu[7].

Devem ser ditas algumas palavras, ainda, sobre a tradução

de outros termos recorrentes. Um deles é a palavra realize, que é uma tradução geralmente utilizada em inglês do termo sânscrito sakshatkara, que denota o estado ou “fenômeno” no qual o yogi se torna idêntico ao *Ātman* dentro de si[8] . As três traduções possíveis para esse termo em português seriam: compreender, conhecer, estar ciente do Eu; alcançar o Eu; realizar o Eu (no sentido básico de “tornar real”). Traduzir como “alcançar o Eu” não é adequado tendo em vista que, de acordo com os ensinamentos do Bhagavan, o Eu Real não é alcançado, mas já está presente, e também não é algo exterior. O que nos resta, portanto, são os outros dois termos e, como nenhum deles expressa perfeitamente o significado original (já que o Ser é nem compreendido nem “tornado real” – ele já é sempre real e sempre conhecido), optamos, ao longo da tradução, por utilizá-los ambos, intercaladamente.

O texto original utiliza também em vários pontos o termo householder, que é uma tradução do sânscrito grishastha, o qual denota uma das quatro “fases da vida” (asramas) tradicionais do hindu, prescritas pelos Vedas. Trata-se da fase da vida em que a pessoa já completou sua formação pessoal e encontra-se “vivendo no mundo”, trabalhando e envolvido com a vida familiar. Na falta de um correspondente em português (assim como em inglês), optamos por utilizar a tradução normalmente adotada de “chefe de família”. Contudo, gostaríamos de salientar ao leitor que, em um sentido mais amplo, esse termo quer dizer todo aquele que vive “no mundo”; ou seja, que não o renunciou fisicamente para se tornar um monge ou asceta.

Qualquer imperfeição ou erro encontrado no presente livro deve ser atribuído à tradução, e não aos editores dos livros originais, A. Devaraja Mudaliar e T.M.P. Mahadevan, muito menos ao Sábio de Arunachala.

Por fim, gostaria de agradecer sinceramente a: Sri Ramanasramam por nos ter cedido os direitos autorais, abrindo mão dos royalties, e por nos ter confiado a tarefa da tradução; Fernando Guedes de Mello OM, por ter sido o precursor desta tarefa e pela valiosa contribuição na tradução da primeira parte do livro; A.L.F, que optou por manter-se anônima, pela contribuição na tradução da segunda parte do livro e na revisão final; Pavani, por todo o apoio e assessoramento.

Que esta obra sirva como uma luz para orientar os buscadores da Verdade.

Niraj (omniraj@gmail.com; www.advaita.com.br)



Parte I

Pérolas de Bhagavan

Prefácio

Há algum tempo, tenho considerado seriamente que um livro contendo um conjunto dos mais importantes ensinamentos de Bhagavan é uma aspiração de todos. Assim, por meio deste livro eu busquei, a meu modo, e de acordo com a luz e o melhor das minhas habilidades, prestar um pequeno serviço neste sentido. Espero que este serviço seja de grande valia aos leitores em geral e aos devotos de Bhagavan em especial, e possa ele ser aceito por Bhagavan como um esforço desta Sua criança em fazer algo de bom e útil.

A. Devaraja Mudaliar



Capítulo *1*

Felicidade

Todos os seres desejam sempre a felicidade, uma felicidade sem qualquer traço de tristeza. Ao mesmo tempo, todos amam a si mesmos acima de tudo. A causa para o amor é só a felicidade. Assim sendo, essa felicidade deve residir dentro de nós mesmos. E mais, essa felicidade é experimentada diariamente por todos ao dormir, quando não há mente. Para atingir essa felicidade natural, temos que conhecer a nós mesmos. Para tal, a autoinvestigação “Quem sou eu?” é a melhor maneira.

A natureza do Eu Real é felicidade. Elas não são diferentes. A única felicidade que existe é a do Ser. Eis a verdade. Não existe

felicidade nos objetos do mundo. É por causa da ignorância que imaginamos que ela deriva deles.

Se, como os homens normalmente imaginam, a felicidade depende de causas externas, é razoável concluir que sua felicidade deve aumentar com o acúmulo de posses e diminuir com a sua redução. Portanto, sua felicidade deveria ser nula se ele fosse desprovido de posses. No entanto, qual é a experiência do homem? Será que ela confirma esse ponto de vista? No sono profundo, o homem fica desprovido de todas as suas posses, inclusive o próprio corpo. Ao invés de ser infeliz, ele é completamente feliz. Todas as pessoas gostam de dormir profundamente. A conclusão, portanto, é que a felicidade é inerente ao homem, não se originando de causas externas. Você deve realizar o Eu a fim de acessar a fonte da pura felicidade.

Há uma história no Panchadasi ilustrando como nossas dores e prazeres são devidos às nossas ideias, e não aos fatos:

Dois jovens de um povoado fizeram juntos uma peregrinação ao Norte da Índia. Um deles morreu por lá. O outro, tendo conseguido um emprego, decidiu voltar para o povoado só algum tempo depois. Nesse ínterim, ele encontrou um peregrino no caminho e enviou um recado por meio dele com notícias suas e do amigo morto. O peregrino transmitiu a notícia e, ao fazê-lo, trocou inadvertidamente os nomes do vivo e do morto. Em consequência, a família do homem morto alegrou-se que ele estava bem e a família do homem vivo ficou pesarosa acreditando que seu jovem membro estava morto.

Eu costumava sentar no piso e deitar no chão. Nenhuma cobertura para atrapalhar. Isso é liberdade. O sofá é um estorvo, uma prisão para mim. Não me é permitido sentar onde e como eu quiser. Não é mesmo uma prisão?[9] Devemos ser livres para fazer o que nos agrada e não sermos servidos por outros. “Nenhum querer” é a maior felicidade. Isso só pode ser realizado através da experiência. Nem mesmo um imperador é páreo para um homem sem desejos.



Capítulo 2

O Ser e o Não Ser: A Realidade e o Mundo

A existência ou Consciência é a única Realidade. Nós chamamos a Consciência com o despertar, de despertar; a consciência com o sono, de sono; a Consciência com o sonho, de sonho. A Consciência é a tela na qual todas as imagens vêm e vão. A tela é real; as imagens são meras sombras sobre ela.

O Eu Real (*Ātma*) e as aparências que surgem nele – tal como a corda e a cobra que se “sobrepe” a ela – pode ser ilustrado da seguinte maneira: Existe uma tela. Nela aparece primeiramente a

figura de um rei. Ele senta no trono. Então, diante dele e na mesma tela, começa um jogo com várias pessoas e objetos; o rei na tela observa o jogo na mesma tela. O observador e a coisa observada não passam de sombras na tela, a qual é a realidade única que abriga todas as imagens. No mundo também, o observador e o observado constituem juntos a mente, que é sustentada pelo ou baseada no Eu Real.

A escola *ajata* do Advaita diz: “Nada existe a não ser a realidade única. Não há nascimento e nem morte, nem projeção e nem atração[10], nem buscador, nem aspirante à Libertação, nem ser Liberto, nem prisão e nem Libertação. Só a Unidade existe para sempre.” Aos que acham difícil apreender essa verdade e perguntam: “Como ignorar o mundo sólido que nos rodeia?”, a experiência do sonho é apontada e lhes é dito: “Tudo o que você vê depende do observador. Sem o observador, não há a observação”. Isso se chama *drishti-srishti vāda*, o argumento segundo o qual nós criamos a partir da nossa mente e, em seguida, vemos o que a própria mente criou.

Para aqueles que não podem compreender nem isso e argumentam: “A experiência do sonho é tão curta, ao passo que o mundo existe sempre. A experiência do sonho limita-se a mim, já o mundo é sentido e visto não só por mim, mas por muitos, e não podemos dizer que este mundo não existe”, o argumento inverso chamado *srishti-drishti vāda* lhes é endereçado: “Deus criou primeiro tais e tais coisas a partir de tal e tal elemento e então algo mais, e assim por diante”. Somente isso vai satisfazer-lhes. De outra forma, suas mentes não ficarão satisfeitas e eles se perguntarão: “Como pode toda a geografia, todos os mapas, todas as ciências, estrelas, planetas e leis naturais, serem totalmente falsos?”. Para essas pessoas é melhor dizer: “Sim, Deus criou tudo isso, e é por isso que vocês o percebem”. Todas essas teorias existem apenas para se adequar à capacidade dos ouvintes. O absoluto só pode ser um.

Há primeiro a luz branca do Ser, digamos assim, que transcende tanto a luz como a escuridão. Nela, nenhum objeto pode ser visto. Não há nem observador e nem objeto observado. Então há também escuridão total (*avidyā* ou ignorância) na qual nenhum objeto é visto. Mas do Eu Real provém uma luz refletida, a luz da mente pura, e é essa luz que dá lugar à existência de todo

o filme do mundo, o qual não é visto nem na luz total [Eu Real] nem na escuridão total, mas apenas na luz reduzida ou refletida [mente].

Do ponto de vista de *Jñāna* (Sabedoria) ou Realidade, o sofrimento do qual você fala certamente é um sonho, assim como o mundo inteiro, do qual esse sofrimento é uma parte ínfima, também o é. Em seu sonho, enquanto dorme, você sente fome e vê os outros sofrendo de fome. Você se alimenta e, movido por compaixão, alimenta os outros que você vê sofrerem de fome. Enquanto o sonho durava, todo aquele sofrimento era tão real quanto é o sofrimento que você vê no mundo agora. Foi só depois de acordar que você descobriu que aquele sofrimento era irreal. Você pode ter comido bastante antes de dormir, mas mesmo assim você sonhou que estava trabalhando o dia inteiro sob o sol ardente e que estava cansado e com sono. Então você acorda e descobre que seu estômago estava cheio e que você não saiu da cama. Mas isso não significa que enquanto você está no sonho você pode agir como se o sofrimento que sentisse não fosse real. A fome no sonho deve ser satisfeita pela comida do sonho. As outras pessoas famintas que você encontra no sonho devem ser alimentadas com a comida do sonho. Você nunca pode misturar os dois estados, o sonhar e o estar desperto. Da mesma forma, até que você alcance o estado de *Jñāna* (Realização), e assim desperte de *māyā*, você deve aliviar o sofrimento alheio sempre que entrar em contato com ele. Mas mesmo assim você deve agir sem ego (*ahamkāra*), isto é, sem o sentimento de que é você quem está agindo e ajudando. Em vez disso, você deve sentir: “Eu sou o instrumento de Deus”. Você também não deve ser vaidoso e pensar: “Eu estou ajudando um homem que está numa situação pior do que eu. Ele precisa de ajuda e eu posso ajudá-lo. Eu sou superior e ele é inferior”. Você deve ajudá-lo como um meio de venerar a existência de Deus nele. Todo serviço feito assim é um serviço prestado ao Eu Real, e não a ninguém em particular. Você não está ajudando ninguém além de si mesmo.

O livro *Kaivalya Navaneeta* responde a seis perguntas sobre *māyā* (ilusão), as quais são muito instrutivas:

1. O que é *māyā*? A resposta é: Ela é indescritível.

2. Para quem ela surge? A resposta é: Para a mente ou para o ego que se sente como uma entidade separada e que pensa “Eu faço isso” ou “Isso é meu”.
3. De onde procede e como se originou? A resposta: Ninguém pode saber.
4. Como apareceu? A resposta é: Decorre da falta de autoinvestigação (*avichāra*), do não se perguntar, “Quem sou eu?”.
5. Se ambos existem, o Eu Real e *māyā*, isso não invalida a teoria do Advaita? A resposta é: Não necessariamente, uma vez que *māyā* é dependente do Eu Real assim como uma figura é [dependente] da tela. A figura não é real, no sentido de que a tela o é.
6. Se o Eu Real e *māyā* são um, pode-se dizer que o Eu Real é da mesma natureza de *māyā* e, portanto, ilusório também? A resposta é: Não, o Eu Real é capaz de produzir ilusão sem ser ilusório. Para efeito de entretenimento, um ilusionista pode criar a ilusão de pessoas, animais e coisas, e nós os vemos tão claramente quanto vemos o próprio ilusionista; mas, após o espetáculo, só ele permanece e todas as ilusões que ele criou desaparecem. Ele não faz parte da visão, mas é sólido e real.

Os livros usam a seguinte ilustração para ajudar a explicar a criação: O Eu Real é como a tela para pintura. Primeiro uma pasta é espalhada para cobrir os pequenos orifícios na tela. Essa pasta pode ser comparada ao Espírito (*antaryāmin*) em toda a criação. Então, o artista traça um esboço na tela. Isso pode ser comparado ao corpo sutil (*sūkshma sārīra*) de todas as criaturas; por exemplo, a luz e o som (*bindu* e *nāda*), dos quais todas as coisas surgem. Dentro desse esboço, o artista pinta as figuras com cores, etc., e isso se compara com as formas grosseiras que constituem o mundo.

O Vedanta afirma que o cosmos surge junto com quem o vê.

Não há uma criação passo a passo. É similar à criação no sonho, no qual o experimentador e os objetos da experiência surgem simultaneamente. Aos que não estão satisfeitos com essa explicação, as teorias de criação gradual são oferecidas nos livros.

Não é nada correto dizer que os seguidores do Advaita da escola de Shankara negam a existência do mundo ou que o consideram irreal. Pelo contrário, para eles o mundo é mais real do que para os outros. Seu mundo sempre existirá, ao passo que para as outras escolas de pensamento o mundo teve uma origem, tem um crescimento e terá um declínio – de forma que, como tal, não pode ser real. Os seguidores do Advaita dizem apenas que o mundo enquanto “mundo” não é real, mas que o mundo enquanto *Brahman* (o Absoluto) é real. Tudo é *Brahman*; nada existe a não ser *Brahman*, e o mundo enquanto *Brahman* é real.

O Ser é a única Realidade existente, e é pela luz do Ser que tudo o mais se torna visível. Nós esquecemos o Eu Real e nos concentramos naquilo que aparece. A luz do salão brilha, quer as pessoas estejam ou não presentes; ou, como no teatro, o palco está lá, quer as pessoas estejam ou não representando. É a luz em si que nos permite ver o salão, as pessoas e a representação, mas estamos tão absorvidos nos objetos ou aparências reveladas pela luz que não prestamos atenção à luz em si. Nos estados de vigília ou de sonho, nos quais as coisas aparecem, e no estado de sono profundo, em que nada vemos, a luz da Consciência ou do Eu Real está sempre presente, assim como as lâmpadas do salão que estão sempre brilhando. O que resta fazer é manter o foco no observador e não nos fenômenos observados; não nos objetos, mas na Luz que os revela.

Perguntas sobre a realidade do mundo e a respeito do sofrimento ou do mal no mundo cessarão quando você se perguntar: “Quem sou eu?” e descobrir o observador. Sem um observador, o mundo e seus alegados males não existem.

O mundo é formado pelas cinco categorias de objetos dos sentidos, e nada mais. Estas cinco espécies de objetos são percebidas pelos cinco sentidos. Como tudo é percebido pela mente através dos cinco sentidos, o mundo nada mais é do que a mente. Existe um mundo separado da mente?

Embora o mundo e a consciência surjam e desapareçam ao mesmo tempo, o mundo se manifesta ou é percebido somente

através da consciência. Essa Fonte, na qual ambos surgem e desaparecem – sendo que ela mesma não aparece nem desaparece –, é a perfeita Realidade.

Se a mente – a fonte de todo conhecimento e atividade – se aquieta, a visão do mundo cessa. Assim como o conhecimento da corda real não surge até que a noção fantasiosa de uma cobra desapareça, a visão (experiência) da Realidade não pode ser alcançada, a menos que a visão sobreposta do universo seja abandonada.

A única coisa que realmente existe é o Ser. O mundo, *jīva* (a alma individual ou ego) e Deus (...*shwara*) são criações mentais, como a aparência de prata na madrepérola. Todas essas coisas aparecem e desaparecem simultaneamente. O Ser em si é o mundo, o ego e Deus.

Para o Iluminado (*Jñāni*), é irrelevante se o mundo aparece ou não. Aparecendo ou não, sua atenção está sempre focada no Eu Real. Tome, por exemplo, as letras e o papel em que estão escritas. Você está inteiramente absorto nas letras e não presta qualquer atenção ao papel. O Iluminado só vê o papel como sendo real substrato, apareçam ou não as letras.

Você faz todo tipo de doces com vários ingredientes e em vários formatos, e todos eles têm sabor doce porque têm açúcar, e doçura é a natureza do açúcar. Do mesmo modo, todas as experiências e mesmo a ausência delas contêm a iluminação, que é a natureza do Eu Real. Sem o Eu Real as experiências não podem ser vivenciadas, assim como sem o açúcar nenhuma das receitas que você faz ficará doce.

O Ser Imanente é chamado Deus (...*shwara*). A imanência só ocorre com *māyā*. ...*shwara* é o Conhecimento do Ser juntamente com *māyā*. Do conceito sutil emerge a Consciência universal (*Hiranyagarbha*); da Consciência universal emerge a manifestação física e concreta. O Eu-Consciência é apenas puro Ser.

No que diz respeito à existência da dor no mundo, o Sábio fala a partir de sua experiência: se nos recolhemos no Eu Real, toda dor cessará. A dor é sentida apenas enquanto o objeto é diferente do sujeito; quando o Eu Real é reconhecido como um todo indivisível, quem resta para sentir o quê?

O texto do *Upanishad* “Eu sou *Brahman*” significa apenas que o Absoluto existe como “Eu”.



Capítulo 3

Mente

A mente é uma força maravilhosa inerente ao Eu Real. Aquilo que surge nesse corpo como “eu” é a mente. Quando a mente sutil emerge através do cérebro e dos sentidos, os nomes e as formas grosseiras são conhecidos. Quando permanece no Coração, nomes e formas desaparecem... Se a mente permanecer no Coração, o “eu” ou ego, que é a fonte de todos os pensamentos, desaparece, e apenas o Ser, o Real, o Eu Eterno, brilha. Onde não existe o menor traço de ego, aí está o Eu Real.

A mente e a respiração têm a mesma fonte. Por isso a

respiração é controlada quando a mente é controlada; e a mente é controlada quando a respiração é controlada. A respiração é a forma grosseira da mente.

O *prānāyāma* (controle da respiração) é apenas uma ajuda para submeter a mente, mas não servirá para matá-la.

Como o *prānāyāma*, a adoração de uma divindade, o *japa* (repetição de *mantra*) e a regulação da dieta, são ajudas para o controle da mente.

O *prānāyāma* pode ser interno ou externo. O interno é como se segue: “eu não sou o corpo” (*naham*) é a exalação (*rechaka*); “Quem sou eu?” (*koham*) é a inalação (*pūraka*); “Eu sou Ele” (*soham*) é a retenção da respiração (*kumbhaka*). Fazendo isso, a respiração fica automaticamente controlada. O *prānāyāma* externo é para quem tem dificuldades com o controle da mente.

Não há caminho tão seguro quanto o do controle da mente. O *prānāyāma* não precisa ser exatamente como o prescrito em *hatha yoga*. Se a pessoa já estiver engajada na repetição (*japa*), meditação (*dhyāna*), devoção (*bhakti*), etc., basta apenas um pequeno controle da respiração para controlar a mente. A mente é o cavaleiro e a respiração, o cavalo. O *prānāyāma* é um controle do cavalo. Através desse controle, o cavaleiro também é controlado. Um pouco de *prānāyāma* basta. Observar a respiração é um modo de *prānāyāma*. A mente então é retirada de outras atividades, engajando-se na observação da respiração. Isso controla a respiração e a mente, por seu turno, fica também controlada. Se sentir dificuldade na prática da inalação e exalação (*rechaka* e *pūraka*), pode-se praticar apenas a retenção da respiração por um breve intervalo, durante a repetição, a meditação, etc. Isso também produzirá bons resultados.

Não há outro modo de controlar a mente a não ser aquele previsto em livros como o *Bhagavad-Gitā*, qual seja: trazendo a mente para o interior toda vez que ela se distrair ou for para fora, assim fixando-a novamente no Eu Real. Claro, isso não é fácil, e só vem com a prática (*sādhana*).

Deus ilumina a mente e brilha dentro dela. Não podemos conhecer Deus através da mente. Só nos resta voltá-la para dentro e fundi-la em Deus.

O corpo, composto de matéria inanimada, não pode dizer “eu” (isto é, não pode ser a causa do pensamento-”eu”). Por outro

lado, a Consciência Eterna não é passível de nascimento. Entre os dois surge algo nas dimensões do corpo. É o nó entre a matéria e a Consciência (*chit-jada-granthi*), conhecido por vários nomes como: prisão, alma, corpo sutil, ego, *samsāra*, mente, etc.

Bhagavan apontou para a sua toalha e disse: Chamamos isso de pano branco, mas o pano e a sua brancura não podem ser separados; o mesmo se dá com a Iluminação e a mente que se unem para formar o ego. A seguinte ilustração é dada nos livros: a luz no teatro é o Absoluto, ou Iluminação. Ela ilumina a si, o palco e os atores. Vemos o palco e os atores através de sua luz, mas a luz continua mesmo depois do espetáculo terminar.

Outra ilustração é uma barra de ferro comparada com a mente. A barra é aquecida ao fogo e se torna incandescente. Como o fogo, ela reluz e pode queimar coisas; mas, diferentemente do fogo, tem uma forma definida. Se nós a martelamos, é a barra que recebe o golpe, não o fogo. A barra é a alma individual (*jīvātman*); o fogo é o Ser (*Paramātman*). A mente nada pode fazer por si mesma. Ela só surge com a Luz e não pode fazer nada, bem ou mal, a não ser com a Luz. Mas, apesar de a Luz estar ali, possibilitando à mente agir bem ou mal, o prazer e a dor daí resultantes não são sentidos pela Luz; assim como quando você martela o ferro incandescente, não é o fogo, mas o ferro, que é golpeado.

Se controlamos a mente, não importa onde vivemos.



Capítulo 4

“Quem sou eu?”

O pensamento-“eu” é a fonte de todos os pensamentos. A mente só vai se dissolver através da autoinvestigação “Quem sou eu?”. O pensamento “Quem sou eu?” destruirá todos os outros pensamentos e depois destruirá a si mesmo também. Se outros pensamentos surgirem, devemos perguntar a quem esses pensamentos ocorrem, sem tentar completá-los. Que importa quantos pensamentos surgem? Na medida em que cada pensamento surgir, devemos estar vigilantes e perguntar para quem ele ocorre. A resposta será “para mim”. Se você perguntar “quem sou eu?”, a mente então voltará à sua Fonte (de onde

surgiu). O pensamento que surgiu também desaparecerá. À medida que você praticar dessa forma mais e mais, o poder da mente de permanecer em sua Fonte aumentará.

Alimentando-se com uma quantidade moderada de comida *sāttvika* (pura) – o que é superior a qualquer outra regra e regulação de autodisciplina – a qualidade *sāttvika* ou pura da mente crescerá e isso ajudará a autoinquirição.

Embora os apegos sensoriais, antigos e imemoriais, possam surgir sob forma de incontáveis *vāsanās* (tendências mentais), assim como as ondas surgem no mar, todos eles serão destruídos na medida em que a meditação (*dhyāna*) avançar. Devemos nos agarrar sem cessar à meditação do Ser, sem duvidar da possibilidade de erradicar todas essas *vāsanās* e de só o Ser permanecer. Por mais pecadora que uma pessoa possa ser, se ela parar de se lamentar “Ai de mim que sou um pecador! Como posso eu alcançar a libertação?” e, abandonando até mesmo o pensamento de que é pecadora, se dedicar zelosamente à autoinquirição, ela com certeza realizará o Ser (*Ātman*).

Se o ego estiver presente, tudo o mais também existirá. Se estiver ausente, tudo o mais desaparecerá. Como o ego é tudo isso, investigar a sua natureza é a única forma de abandonar todo apego.

Controlando a fala e a respiração, e mergulhando fundo em nós mesmos, como alguém que mergulha na água para recuperar algo que nela caiu, devemos, por meio de um *insight* aguçado, descobrir a fonte de onde surge o ego.

A investigação, que é o caminho da Sabedoria (*Jñāna*), não consiste em repetir verbalmente “eu, eu”, mas em buscar, por meio de uma mente profundamente interiorizada, de onde o “eu” surge. Pensar “Eu não sou isso”, “Eu sou aquilo” pode ajudar, mas não constitui a inquirição em si.

Quando questionamos dentro da nossa mente “Quem sou eu?” e chegamos ao Coração, o “eu” sucumbe e imediatamente outra entidade se revela proclamando “Eu-Eu”. Muito embora ela também surja dizendo “eu”, não se trata mais do ego, mas sim da Existência Única, perfeita.

Se investigarmos incessantemente a forma da mente, descobriremos que não existe algo chamado “mente”. Este é o caminho direto aberto a todos.

*image
not
available*



Capítulo 5

Entrega

Deus suportará qualquer fardo que pusermos sobre Ele. Todas as coisas estão sendo conduzidas pelo poder onipotente de um Deus Supremo. Ao invés de nos submetermos a Ele, por que ficamos sempre a planejar, perguntando-nos se “devemos fazer isso ou aquilo”? Sabendo que o trem carrega toda a carga, por que nós viajantes deveríamos sofrer carregando nossas trouxas na cabeça, em lugar de nos alegrar e deixar que o trem as leve?

A história de *Ashtavakra* ensina que para vivenciar a Sabedoria Divina (*Brahma Jñāna*) tudo o que é necessário é

*image
not
available*

*image
not
available*

explique, tal fato não fica claro até que a pessoa atinja a Autorrealização e se surpreenda como era cega em relação à existência única e autoevidente.

Tudo o que vemos, quer seja dormindo ou no estado de vigília, é um sonho. Por conta de padrões arbitrários sobre a duração da experiência e assim por diante, chamamos uma de sonho e a outra de vigília. Do ponto de vista da Realidade, ambas as experiências são irreais. Um homem pode passar pela experiência de ter recebido uma Graça (*anugraha*) em seu sonho, cujos efeitos e influências são tão profundos e duradouros em sua vida, que ele não pode chamar essa experiência de irreal, enquanto considera real um incidente superficial e casual na sua vida diária, que passa rapidamente sem maiores consequências, sendo logo depois esquecido.

Certa vez tive uma experiência, visão ou sonho, como queiram chamá-la. Eu e alguns outros, inclusive Chadwick, estávamos fazendo uma caminhada na montanha e, na volta, caminhávamos por uma enorme rua com grandes edifícios de cada lado. Apontando a rua e seus edifícios, perguntei-lhes se alguém poderia dizer que o que estávamos vendo era um sonho, e todos eles responderam: “Que tolo diria tal coisa?” Continuamos a caminhar, entramos no saguão e a visão ou sonho cessou; ou eu acordei. Como chamaríamos tal experiência?

Pouco antes de acordarmos, há um estado muito breve em que não ocorrem pensamentos. Devemos nos manter permanentemente nesse estado.

No sono sem sonhos não há mundo, ego ou infelicidade – apenas o Eu Real permanece. No estado de vigília tudo isso existe; contudo, o Eu Real lá está. Basta remover os fenômenos transitórios para perceber a beatitude sempre presente do Eu Real.

Sua natureza é bem-aventurança. Descubra Aquilo no qual todo o resto é sobreposto e então você permanecerá como puro Eu Real.

No sono não há espaço ou tempo. Espaço e tempo são conceitos, emergindo depois que o pensamento-“eu” emerge. Você está além do tempo e do espaço. O pensamento-“eu” é o “eu” limitado. O verdadeiro “Eu” é ilimitado, universal, além do espaço e do tempo. Assim que estiver acordando e antes de

*image
not
available*

“A Graça Divina é uma manifestação do livre-arbítrio cósmico em atividade. Ela pode alterar o curso dos acontecimentos de uma maneira misteriosa, através de suas próprias leis desconhecidas. Ela é superior a todas as leis naturais e pode modificá-las, interagindo com elas. É a força mais poderosa no universo.

“Ela desce e age só quando invocada pela total autoentrega. Ela age de dentro porque Deus reside no Coração de todos os seres. Seus sussurros só podem ser ouvidos por uma mente purificada pela autoentrega e pela oração.

“Os racionalistas riem disso e os ateus deboçam, mas ela existe. É uma descida de Deus na zona de consciência da alma. Trata-se de uma visita de forças inesperadas e imprevisíveis, uma voz que fala a partir do silêncio do cosmos. É “a Vontade Cósmica que pode desempenhar autênticos milagres de acordo com suas próprias leis”.”

Na verdade, Deus e o Guru não são diferentes. Assim como a presa na mandíbula de um tigre não tem escapatória, também aqueles que caem no campo do olhar gracioso do Guru serão salvos e não se perderão. Contudo, cada um deve seguir, pelo seu próprio esforço, o caminho indicado por Deus ou pelo Guru e libertar-se.

A todo aquele que busca Deus deve ser permitido seguir seu próprio caminho, caminho este que pode servir só para ele [ou que só para ele tenha significado]. Não vai adiantar convertê-lo a outro caminho à força. O Guru acompanhará o discípulo em seu próprio caminho; então, gradualmente o guiará ao caminho Supremo na medida em que ele amadurece. Imagine um carro andando na velocidade máxima: pará-lo repentinamente ou mudar sua direção provocaria consequências desastrosas.

*image
not
available*

forma do Absoluto (*Brahman*). No devido tempo, o que era um meio torna-se um fim em si, por qualquer método que se siga. Meditação (*dhyāna*), Sabedoria (*jñāna*), devoção (*bhakti*) e êxtase (*samādhi*) – todos são nomes do nosso Estado Real.

Conhecer o seu Ser é apenas *ser* você mesmo, já que não há uma segunda existência. Isto é Autorrealização.

Você pode continuar lendo livros sobre Vedanta. Eles só vão lhe dizer: “Realize o Ser”. O Ser não pode ser encontrado nos livros. Você tem que encontrá-lo por você mesmo, em você mesmo.

O Senhor, cujo lar está no interior do Lótus do Coração e que lá brilha como “eu”, é exaltado como sendo o Senhor da Caverna. Se, devido à prática, o sentimento “Eu sou Ele, eu sou o Senhor da Caverna” (*Guhesa*) se estabilizar – ficando tão firme quanto sua noção atual de que você é o ego está estabelecida no seu corpo – de forma que você exista sendo o próprio Senhor da Caverna, então a ilusão de que você é o corpo perecível desaparecerá como as trevas diante do Sol nascente.

Os verdadeiros *karma*, *rāja*, *bhakti* ou *jñāna*[13] *yoga* consistem em descobrir quem é esse que age (ou produz *karma*), ou busca reunir-se através do *yoga*, ou sente a separação de seu Senhor, ou é ignorante. Nenhum desses caminhos existe sem o “eu”. Portanto, permanecer como “Eu” é a Verdade.

Se nos consideramos como os autores da ação, também deveremos colher os frutos da ação. Se ao investigar quem pratica essas ações o buscador realizar o Ser, o sentimento de que ele é o agente desaparecerá e, com ele, os três tipos de *karma*: *sañchita*, *āgāmya* e *prārabdha*[14]. Este é o estado de Libertação eterna.

Nossa verdadeira Natureza é Libertação. Mas nós imaginamos que estamos aprisionados[15] e que fazemos extenuantes esforços para nos libertar, enquanto somos livres todo o tempo. Isso só será compreendido quando alcançarmos aquele estágio. Ficaremos então surpresos por termos estado loucamente tentando atingir algo que já somos.

Uma ilustração esclarecerá esse ponto. Um homem vai dormir nesta sala. Ele sonha que está fazendo uma viagem pelo mundo, atravessando montanhas e vales, florestas e planícies, mares e desertos, passando por vários continentes e, após muitos anos, fatigado com essas viagens tão árduas, retorna a este país,

*image
not
available*

para B.P. Blood foi lido na presença de Bhagavan:]

“Desde a infância, quando ficava muito sozinho, tenho tido frequentemente uma espécie de transe acordado. Isso geralmente vem quando eu repito meu nome para mim mesmo por duas ou três vezes, em silêncio, até que de repente, como que resultante da intensidade da consciência de minha individualidade, a própria individualidade parece se dissolver e desaparecer no Ser sem limites. E isso não é um estado confuso, mas sim o mais claro, a certeza das certezas, o mistério dos mistérios, muito além das palavras, onde a morte é quase uma impossibilidade risível – a perda da personalidade (se assim o fosse) parece não uma extinção, mas sim a única vida verdadeira.”

Bhagavan disse:

Este estado é chamado de permanecer no Eu Real.

*image
not
available*



Capítulo *10*

A Renúncia

Quando perguntado sobre como um chefe de família (*grihastha*) se encaixa no esquema da Libertação, Bhagavan disse: Por que você pensa que é um chefe de família? Se você se tornar um asceta (*sannyāsi*), um pensamento similar de que você é um asceta vai assombrá-lo. Quer você continue como chefe de família ou renuncie a tal condição e vá para a floresta, sua mente vai junto com você. O ego é a fonte de todo o pensamento. Ele cria o corpo, o mundo e faz você pensar que é um homem do mundo. Se você renunciar ao mundo, o pensamento de que você é um asceta substituirá o de que você é um chefe de

*image
not
available*



Capítulo *11*

O Destino e o Livre-Arbítrio

O destino e o livre-arbítrio sempre existiram. O destino é o resultado de ações passadas e diz respeito ao corpo. Deixe o corpo agir como lhe aprouver. Por que ficar preocupado com isso? Por que prestar atenção nele? O livre-arbítrio e o destino durarão enquanto o corpo durar. Mas a Sabedoria (*Jñāna*) transcende a ambos. O Eu Real está além do conhecimento e da ignorância. O que quer que aconteça é resultado de nossas ações passadas, da Vontade Divina e de outros fatores.

Só há duas maneiras de conquistar o destino ou ficar independente dele. Uma é investigar para quem existe esse

*image
not
available*

seu Coração por trás de todas as aparências deste mundo. Portanto, sem nunca perder Aquilo de vista, desfrute este mundo como lhe aprouver. Aparentando ter entusiasmo e satisfação, ansiedade e aversão (mas, na verdade, não tendo nada disso), aparentando começar e perseverar em certas atividades (mas, na verdade, sem possuir qualquer apego a tais esforços), engaje-se nos afazeres do mundo, sem que isso lhe cause qualquer perda. Expresse-se no mundo como lhe aprouver, libertando-se de toda sorte de amarras, mantendo a mesma equanimidade e realizando um trabalho externo de acordo com o ambiente em que você se encontra.

Aquele cuja mente não está apegada a desejo algum não faz qualquer ação, ainda que seu corpo aja. Ele é como alguém que ouve uma história com a mente alhures. Do mesmo modo, o homem com a mente cheia de desejos está realmente agindo, mesmo que seu corpo esteja imóvel. Um homem pode estar dormindo aqui com o corpo inerte e, ao mesmo tempo, estar escalando montanhas e despencando delas em seus sonhos.

Para quem está dormindo num carro [de boi] é irrelevante se o carro está em movimento ou parado, se os bois estão atrelados ou não ao veículo. Igualmente, para o *Jñānī* que dorme no carro de seu corpo físico, não importa se ele está trabalhando, em profunda meditação (*samādhi*) ou dormindo.

A afirmativa de que o Iluminado retém o *prārabdha*, enquanto livre de *sañchita karma* e *āgāmya karma*[21], é apenas uma resposta formal à pergunta do ignorante. Nenhuma das esposas de um homem escapa da viuvez quando o marido morre; da mesma forma, quando o agente se vai, todos os três *karmas* desaparecem.

A não ação do Sábio é na verdade atividade incessante. Sua característica é a atividade eterna e intensa. Sua imobilidade é como a aparente imobilidade de um pião girando rapidamente: sua velocidade extrema não é acompanhada pelos olhos, então ele parece imóvel. Isso precisa ser explicado, já que as pessoas geralmente tomam a quietude do Sábio por inércia.

*image
not
available*

funde no Eu Real pela autoinquirição, o Eu Real, sua *Shakti* ou *Kundalinī*, automaticamente ascendem.

Se a paz de espírito é a verdadeira Libertação, como podem aqueles cujas mentes estão fixadas nos *siddhis* (poderes milagrosos) – os quais só podem ser obtidos com a ajuda e a atividade da mente –, alcançar a Libertação, que é a cessação de toda agitação da mente?

Evite o desejo e a aversão. Não ocupe muito a mente com acontecimentos mundanos. Tanto quanto possível, não se envolva nos assuntos dos outros.

Doar-se aos outros é, na verdade, doar-se a si mesmo. Se conhecermos essa verdade, como poderemos passar sem nos doarmos?

Se o ego surge, tudo surge. Se o ego desaparece, tudo desaparece. Quanto mais formos humildes, melhor será para nós.

A melhor e mais poderosa iniciação (*dikshā*) é através do silêncio, tal como praticada pelo Senhor Dakshinamurti. As iniciações dadas pelo toque, olhar, etc., são de ordem inferior. O

*image
not
available*

tais como: caridade, penitência, sacrifício, *dharma* (conduta virtuosa), *yoga*, *bhakti* (devoção) – e o próprio objetivo – descrito de vários modos como Céu, Objetivo Supremo, Paz, Verdade, Graça, Estado de Quietude, Morte sem morte, Verdadeiro Conhecimento, Renúncia, *Moksha* (Libertação) e Bem-aventurança –, nada mais são do que se libertar da obsessão de que o corpo é o Eu.

Desista de ver a si mesmo como esse corpo desprezível e realize sua Verdadeira Natureza que é a Bem-aventurança Eterna. Buscar conhecer a si mesmo, preocupado ainda com o bem estar do corpo, é como tentar cruzar a correnteza usando um crocodilo como balsa.

Desapego (*vairāgya*) é não desejar aquilo que não for o Eu Real. Permanecer enquanto Eu Real é Sabedoria (*Jñāna*). Ambos são a mesma coisa.

*image
not
available*

vida de Venkataraman. Ele cresceu como a maioria dos garotos. Frequentou uma escola primária em Tirucculi, e na cidade de Dindigul fez mais um ano de escola. Quando ele tinha 12 anos, seu pai morreu. Ele foi, então, junto com a família viver em Madurai com seu tio paterno Subbaiyar. Lá ele foi enviado para a escola Scott de ensino médio e depois para a escola Missão Americana.

Ele era um aluno indiferente, nem um pouco aplicado em seus estudos. Mas era um rapaz saudável e muito forte. Seus colegas de escola e outros companheiros tinham medo de sua força. Se algum deles tivesse certo ressentimento contra ele em determinado momento, só ousaria pregar-lhe alguma peça enquanto ele estivesse dormindo. Nessa questão do sono ele era um tanto incomum: ele não sabia de nada do que lhe acontecia durante o sono. Ele podia ser carregado para outro local ou mesmo ser sacudido sem que despertasse.

Aparentemente foi por acaso que Venkataraman ouviu sobre Arunachala quando ele estava com 16 anos de idade. Um dia um parente mais velho veio visitar a família em Madurai. O jovem perguntou-lhe de onde ele vinha. Ele respondeu de Arunachala. O nome Arunachala soou como uma palavra mágica para Venkataraman, e com evidente excitação ele fez sua próxima pergunta ao velho senhor: “Ah! De Arunachala! Onde fica isso?” E a resposta foi que Tiruvannamalai era Arunachala.

Mais tarde, referindo-se a este incidente, o Sábio diz em um de seus hinos para Arunachala: *Oh, grande maravilha! Como uma montanha inerte se ergue. Para as pessoas é difícil compreender sua ação. Desde minha infância me parecia que Arunachala era algo grandioso. Mas mesmo quando eu soube, através de outro, que era o mesmo que Tiruvannamalai, eu não compreendi seu significado. Quando, acalmando minha mente, levantei-me para Ele e me aproximei, eu percebi que Ele era o Imutável.*

Logo após este incidente que atraiu a atenção de Venkataraman para Arunachala, houve um outro acontecimento que também contribuiu para direcionar a mente do jovem para profundos valores espirituais. Ele teve a chance de colocar as mãos numa cópia do *Periyapuranam* de Sekkilar, que relata as vidas de santos *saiva*. Ele ficou encantado pelo livro. Foi a primeira peça de literatura espiritual que ele leu. O exemplo dos santos o fascinou; e, no íntimo recesso de seu coração, algo

*image
not
available*

sanctorum, e quando ele ficou diante de seu Pai Arunacalesvara, experimentou um grande êxtase e indescritível alegria. A jornada épica tinha terminado. O navio tinha chegado salvo ao porto.

O resto do que se considera a vida de Ramana – assim o chamaremos daqui para frente – foi passada em Tiruvannamalai. Ramana não foi formalmente iniciado como *sannyasin*. Como ele veio de fora do templo e estava caminhando pelas ruas da cidade, alguém o chamou e perguntou se ele não gostaria de cortar o cabelo. Ele consentiu prontamente, e foi conduzido ao Ayyankulam (um reservatório artificial de água) onde um barbeiro depilou sua cabeça. Então ele ficou de pé nos degraus do tanque e jogou fora na água o restante do seu dinheiro; e também se desfez do pacote de doces dado pela esposa do Bhagavatar. O próximo passo foi descartar-se das vestes sagradas que usava. Ao retornar para o templo, ele se perguntava por que deveria dar ao seu corpo a luxúria de um banho, quando, neste exato momento, houve um forte aguaceiro que o encharcou todo.

O primeiro lugar onde ele residiu em Tiruvannamalai foi o grande templo. Por umas poucas semanas ele permaneceu na sala dos mil pilares, mas era frequentemente perturbado pelos moleques que atiravam pedras enquanto ele estava em meditação. Ele se mudou para cantos escuros e até para uma galeria subterrânea conhecida como Patala Lingam. Não sendo perturbado, ele costumava ficar vários dias em profunda absorção. Permanecia em *samādhi* sem se mover, não estando consciente nem mesmo das mordidas de insetos e outros pequenos animais. Mas os garotos logo descobriram seu retiro e elegeram como seu passatempo jogar porcarias no jovem *swāmī*.

Naquela época havia em Tiruvannamalai um velho *swāmī* chamado Seshadri. Ele era considerado, por aqueles que não o conheciam bem, como um homem louco. De vez em quando ele montava guarda para o jovem *swāmī*, e expulsava os moleques do templo. Finalmente ele foi removido do buraco por devotos – sem estar consciente disso – e colocado nos arredores de um santuário de Subrahmanya. Desde então, sempre havia um ou outro para cuidar de Ramana. O local de residência tinha que ser trocado com frequência. Jardins, bosques, santuários – estes eram os lugares escolhidos para guardar o *swāmī*. O *swāmī* nunca falava. Não que ele tivesse feito voto de silêncio; ele simplesmente não tinha